

# CORPO, SEXO, GÊNERO

ESTUDOS EM PERSPECTIVA



**FABIANO GONTIJO**

[ORG.]



# **CORPO, SEXO, GÊNERO**

ESTUDOS EM PERSPECTIVA

A Lestu Publishing Company é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.



Todos os livros publicados pela Editora Lestu Publishing Company estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

**Direção editorial:** Ana Kelma Gallas  
**Diagramação:** Kleber Albuquerque Filho  
**Editor OMP:** Eliezyo Silva  
**Imagem da capa:** Karine Gallas



#### LESTU PUBLISHING COMPANY

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda  
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis  
Bela Vista, São Paulo, 01310-300, Brasil.

(11) 97415.4679 | [editora@lestu.org](mailto:editora@lestu.org) | [www.lestu.com.br](http://www.lestu.com.br)



#### FICHA CATALOGRÁFICA Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G641 GONTIJO, Fabiano.  
Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva / Fabiano Gontijo (Org.). — São Paulo, SP: Lestu *Publishing Company*, 2021.

273 p. *online*

ISBN: 978-65-996314-2-9

DOI: <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9>

1. Identidade de Gênero. 2. Teoria *Queer*. 3. Sexualidade. 4. Corpo. 5. Sociologia.  
I. Autor(a). II. Título. III. Lestu. IV.

CDD: 306.7

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Gênero e sexualidade: Aspectos sociais: Sociologia: 306.7

As imagens utilizadas nesta obra são de autor desconhecido e já se encontram em domínio público (artigo45, inciso II da LDA)

# FABIANO GONTIJO






[ORG.]

# CORPO, SEXO, GÊNERO

## ESTUDOS EM PERSPECTIVA



# SUMÁRIO

- 11** **Prefácio**
- 15** **Apresentação**
- 23** **Capítulo 1**  
**Corpo, sexo e gênero: alternativas heterotópicas transmodernas para um mundo melhor**  
*Fabiano Gontijo*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.01>
- 61** **Capítulo 2**  
**Vinte anos depois: contextos, espaços e sentidos**  
*Pâmela Laurentina Sampaio Reis*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.02>
- 83** **Capítulo 3**  
**Habitus, performances e construção de afetos na noite gay em Belém do Pará**  
*José Carlos Almeida da Rosa*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.03>
- 101** **Capítulo 4**  
**O Chapéu do Boto-Homem: de como a indumentária nos ajuda a entender a diversidade sexual e de gênero a partir das relações entre humanos, encantados e coisas na Amazônia.**  
*Igor Erick*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.04>
- 129** **Capítulo 5**  
**O discurso jornalístico e o sujeito transexual: o percurso de Sarita da Sete na mídia portovelhense**  
*Edson Rodrigues Cavalcante*  
*Nilsângela Cardoso Lima*  
*Juliana Fernandes Teixeira*  
*Monalisa Pontes Xavier*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.05>

## Conselho Editorial

Estevão Fernandes  
(UNIR- Fundação Universidade Federal de Rondônia)

Barbara Arisi  
(UNILA- Universidade Federal da Integração Latino-Americana)  
Vrije Universteit Amsterdam.

Moisés Lopes  
(UFMT- Universidade Federal do Mato Grosso)




Júlia Otero dos Santos  
(UFPA- Universidade Federal do Pará)

Laura Moutinho  
(USP- Universidade de São Paulo)

Fátima Lima  
(UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Lídia Noronha  
(UFPI- Universidade Federal do Piauí)

# PREFÁCIO

- 147 **Capítulo 6**  
**O aprofundamento da vulnerabilidade social de mulheres e pessoas LGBT+ em decorrência da pandemia de COVID-19**  
*Jullyane Alves Teixeira*  
*Mariana Cavalcante Moura*  
*Thátilla Thaira Ferreira da Silva Porto*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.06>
- 165 **Capítulo 7**  
**Feminicídios e intersecções: refletindo sobre o contexto do Piauí**  
*Rossana Maria Marinho Albuquerque*  
*João Marcelo Brasileiro de Aguiar*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.07>
- 185 **Capítulo 8**  
**‘O pai do meu filho sou eu’: análise dos discursos sobre a paternidade de Thammy Miranda no portal de notícias do Jornal do Commercio**  
*Geovane Pereira*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.08>
- 209 **Capítulo 9**  
**Corpos Insurgentes: pessoas com deficiência no contra-ataque pelo direito de torcer no futebol brasileiro**  
*Felipe Carlos Damasceno e Silva*  
*Kamilla Sastre da Costa*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.09>
- 225 **Capítulo 10**  
**Julieta de França: pioneira e esquecida escultora paraense (1872-1951)**  
*Isadora Bastos de Moraes*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.10>
- 243 **Capítulo 11**  
**Diversidades de corpos, sexualidades e gêneros nas artes visuais contemporâneas**  
*Maria Cristina Simões Viviani*  
 <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9/cap.11>

Nunca entendi muito bem o papel de quem escreve prefácios para livros.

Talvez seja o de apresentar a obra – coisa que o Fabiano Gontijo faz muito bem na apresentação que se segue –; ou de fornecer às pessoas mais desavisadas pequenos *spoilers* do que encontrará nas próximas páginas.

Se for esse o propósito de um prefácio, meu papel aqui é alertar você que, nas páginas pela frente, há um lugar – ou vários – para os não-ditos dos estudos de gênero e sexualidade *mainstream* publicados no país. Um mergulho no norte e no nordeste profundos, em recantos que simplesmente não existem para quem pesquisa o tema nos grandes centros. Me refiro ao Pará, ao Piauí, a Rondônia...

O boto, o candiru, o caboclo nosso de cada dia, tão próximos, guardam segredos que passam ao largo para quem pensa a Amazônia como um canto vazio no mapa (ora um inferno verde, ora um paraíso intocado) ou o nordeste como um lugar com praia e carnaval, bonito nas fotos das redes sociais durante férias ou eventos acadêmicos. Em um mundo no qual nos deparamos com o maritauquismo disfarçado de opinião, faz-nos bem uma obra como esta, fora do eixo. Contra o ensimesmamento acadêmico, uma epistemopolítica mapinguari do sexo vem em boa hora.

A verdade, como sempre, é inconveniente – e os próximos textos deixam isso evidente. Sexo e gênero têm a ver com desejo e poder, mas também com raça, etnicidade, classe, sotaques (vários, para além dos genéricos de novela), colonialismo(s), estética, ética, temporalidade, espaço(s). Mais do que questões “interseccionais”, esgotadas pela citação extensa de meia dúzia de autoras e autores já bem conhecidos – *surtout* de língua francesa ou inglesa, se possível citados no original, *of course* –; os escritos que se alinham neste livro mostram os enormes desafios de

se pensar sexualidades dentro de chaves-outras, desexotizantes, descoladas de retóricas insípidas e repetitivas, decolonizadas e cotidianizadas. Trata-se de um projeto de pensar-agir sexualidades dentro de outras perspectivas desde outros eixos, posto que fora dos grandes centros.

Pensando desde a Amazônia brasileira, de onde escrevo, vi várias das questões que enfrentamos neste país profundo ao qual este livro dá acesso representadas, direta ou indiretamente: a lógica da igreja neopentecostal de esquina e da moral acusadora mal-disfarçada de ética religiosa; o ódio de classe com retórica de segurança nacional, patriotada e justiceirismo; a hipocrisia de objetificar-se o corpo do outro (e da outra) como *performance*-macho viril...

Aqui, seguem-se os ritos de levar jovens ao puteiro para virarem homem, de fazer arminha com camisa amarela, de fazer campanha para coronel fulano ou capitão sicrano nos grupos de aplicativos de mensagem respondidas prontamente com gritos de “selva”, de fotos nas redes sociais de *agroboys* com “aqui é faca na caveira” na legenda - de preferência em cima da caminhonete do papai. Neste Brasil profundo param-se as motos na praça para se filmar nos celulares as disputas de som no meio da rua; se dança brega ou forró tomando corote no risca-faca; e se espera que direitos humanos sejam apenas para humanos direitos.

Até há pouco tempo, o DVD mais vendido pelos camelôs do centro da capital do meu estado, Rondônia, eram as fotos e vídeos de gente sendo esquartejada e decapitada em rebeliões nos presídios locais e/ou nas disputas de facções das periferias daqui. É nesse Brasil que os textos aqui se inserem, é com ele que eles dialogam e é ele que eles enfrentam. O Brasil que era bolsonarista antes mesmo de o Bolsonaro ser presidente.

As periferias são laboratório de experimentação da modernidade. Trata-se de se pensar espaços nos quais o Estado ainda não chegou, o liberalismo serve apenas como justificativa ao discurso “meritocrático” e a estratificação social não permite qualquer tipo de ascensão. Se no Brasil as coisas são assim, neste Brasil o “cidadanismo de bem” oscila entre o fanatismo religioso e a servilismo à elite de plantão. Aqui a ideologia de gênero já existia; o trabalho escravo nunca deixou de existir; a precarização do trabalho é a roda da economia (informal, claro).

Jagunços? Temos! Coronelismo? Temos! *Sites* de notícias sustentados por políticos locais com fotos explícitas de gente morta? Temos! “Gente de bem” ávida por consumir isso e por manter as coisas exatamente como estão? Adivinhe... temos, também! A mensagem de cada um destes capítulos é que tudo isso tem a ver com gênero e sexualidade, justamente por evidenciar a exclusão racial, o apagamento étnico, a subalternização de

classes, o ocultamento de histórias, a reelaboração de um sistema moral voltado para a manutenção dessa ordem social.

Em sua base há um aparato histórico de dispositivos de exclusão racial, étnica e de classe – além de religiosa, regional, linguística... O aparato mantém essa ordem, que mantém o aparato, em um ciclo histórico evidenciado por subjetividades sistematicamente apagadas – recuperadas em trabalhos como este. Não apenas é a sexualidade não-hegemônica, mas também a cor da pele, o sotaque, a marca da roupa, a pose na foto: o boné, a camisa de time, a moto, tudo isso incorpora (pois corporifica) uma lógica sexual, colonial, de classe, de afetos, desejos e subjetividades voltados não apenas para a manutenção de um sistema de hierarquias mas, também, para sua ampliação...

Mais que a exclusão social, trata-se de escancarar a invisibilidade nas estatísticas, a retórica de operadores do direito em decisões machistas, a normalização das agressões e abusos intrafamiliares, o linchamento na esquina como algo corriqueiro e a falta de uma estrutura de enfrentamento e acolhimento a pessoas vítimas de situações de violência.

Em vários destes espaços; em briga de marido e mulher ninguém mete a colher; seguem existindo dois tipos de mulher; bicha merece apanhar pra ver se vira homem e, claro, linguagem neutra, anti-racismo e reparação histórica é mimimi politicamente correto de comunista que, também, merece apanhar. Aliás, espero que um dia alguém escreva um bom texto sobre “merece apanhar” enquanto categoria sociológica: entende-se muito sobre uma sociedade quando se compreende quem, nela, “merece apanhar”.

No fim das contas, talvez o papel de um prefaciador seja o de dar o seguinte alerta: este livro merece ser lido e degustado, não apenas para ampliar sua visão sobre o tema mas, sobretudo, para transformá-la. Nos cantos empoeirados do mapa, em estados que muita gente nem sabe que existem; em locais muitas vezes sem rodoviária e sem televisão, também há esse sistema moral que normaliza a exploração de uns corpos sobre outros, com todo o tipo de justificativa, métodos e retórica.

Aliás, o *timing* da obra não poderia ser mais fortuito. Quer saber por quê? Vire a página e comece a descobrir.

Estevão Fernandes

Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Mestrado em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

# APRESENTAÇÃO

As pesquisas pioneiras realizadas por Peter Fry na década de 1970, assim como os textos publicados por Peter Fry e Edward MacRae na década seguinte e as obras de Carmen Dora Guimarães, Richard Parker, Néstor Perlongher, Luiz Mott, Jacqueline Muniz de Oliveira, Maria Luiza Heilborn e também de Jurandir Freire Costa, dentre outras lançadas entre o final da década de 1970 e o início da de 1990, geralmente com propostas de tipologias e mapeamentos, contribuíram decisivamente para a instituição do campo dos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil, sobretudo no âmbito das ciências sociais. Mas, quase sempre, tratando das expressões da diversidade sexual e de gênero masculina, urbana, branca (ou negra urbana) e das regiões Sudeste ou Sul. Os estudos de gênero também se estruturaram nesse período, com pesquisas realizadas sobretudo nas regiões Sudeste e Sul.

Até a década de 1970, os escassos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil, de maneira geral, poderiam ser agrupados em três áreas: na primeira, os poucos estudos realizados na área das ciências biomédicas (incluindo-se aí a psicologia e as áreas correlatas), caracterizando as práticas patológicas e as identidades ou pseudo-categorias ontológicas a elas atreladas; na segunda, os raros estudos realizados na grande área das ciências humanas (incluindo-se aí a filosofia), caracterizando as práticas normais e as identidades ou pseudo-categorias ontológicas a elas atreladas, com designações de sociabilidades anormais; e enfim, na terceira, os textos na área de literatura (incluindo-se aí os ensaios jornalísticos realistas e naturalistas), com um número relativamente extenso de obras que abordavam direta ou indiretamente (nomeadamente ou não) as experiências sexuais muito diversas e bem particulares de setores da população brasileira e a relação dessas experiências com os modos de vida desses setores, seja como objeto principal da



obra ou como elemento tangencial ao objeto principal, seja como fruto de uma reflexão moral (por exemplo, *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha) ou como relato de vivências mundanas divergentes, estigmatizadas e periféricas (por exemplo, *Capitães de Areia*, de Jorge Amado).

Enquanto os estudos médicos encaravam as sexualidades desviantes (ou seja, a homossexualidade) da ordem sexual então imposta (ou seja, da heteronormatividade) como problemas a serem corrigidos e tratados, as ciências humanas, por sua vez, as viam como curiosidades das camadas populares, geralmente negras, periféricas, umbandistas, prostituídas e regionais. A literatura, enfim, as viam como “fatos” e “experiências” a serem relatados, ainda que como subterfúgios ardilosos para a emissão de juízos morais (de cunho médico e/ou filosófico). Pouco – ou praticamente nada – foi versado sobre as experiências dissidentes no universo rural, em contextos interioranos ou em situações etnicamente diferenciadas – como os que seriam comuns nas regiões Norte e Nordeste do Brasil e na Amazônia em geral.

Desde as décadas de 1980/90, a diversidade sexual e de gênero vem se consolidando como um forte objeto de estudo nas mais diversas instituições de ensino e pesquisa nacionais, principalmente nas ciências humanas e sociais. São abordados temas variados que vão desde as questões básicas acerca do que é ser gay, lésbica, bissexual, travesti, transexual ou intersexual e como se constituem as categorias de designação vinculadas às identidades, às identificações e à diversidade sexual e de gênero eventualmente decorrentes das práticas sexuais entre pessoas consideradas (ou que se consideram) como sendo do mesmo sexo/gênero e as formas de sociabilidades geradas, até questões mais particulares ou singulares acerca da literatura e das produções culturais ou homocultura; do mercado e consumo “gays” ou “mercado rosa”; da especificidade da saúde de lésbicas ou de pessoas transexuais e do envolvimento no combate à epidemia de HIV/AIDS; do envelhecimento; da organização política; das tecnologias da transexualização, do sexo e do gênero; dos novos regimes morais; das experiências religiosas; do preconceito, discriminação e homofobia; dos direitos e acesso à cidadania; das conjugalidades, parentalidades e arranjos familiares; dentre tantos outros temas. No entanto, pouco se escreveu sobre esses e outros temas em contextos rurais e interioranos e/ou em situações etnicamente diferenciadas, assim como para além das regiões Sudeste e Sul.

Na sociedade brasileira contemporânea, assim, presencia-se uma efervescência de práticas (de pesquisa e de ativismo político) que questionam o padrão heteronormativo enquanto poderoso sistema ideológico, a partir de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, com as

peculiaridades que o contexto sociocultural e histórico compõe. Motivado por e motivando esse fenômeno, os movimentos sociais vinculados aos direitos sexuais e as/os/es intelectuais afeitas/os/es à temática colocam cada vez mais questões visando desestabilizar a normatização de condutas que encerram essas experiências e, logo, interpelar a forma como as fronteiras da diferença são constituídas ou a maneira como se dá a construção de valores e normas que regulam a vida das pessoas em suas práticas cotidianas.

*Corpo, Sexo, Gênero: Estudos em Perspectiva* reúne um conjunto de onze textos elaborados por antropólogas/os/es, sociólogas/os/ues, comunicólogas/os/ues e historiadoras/es que atuam nas regiões Norte e Nordeste e que, em suas pesquisas, de forma original e criativa, vêm questionando os arbitrários culturais que estão na base de alguns sistemas ideológicos de hierarquias de opressão, tais como a homofobia, o racismo, o sexismo, o capacitismo, dentro outros, e suas atuações interseccionalizadas. Trata-se de um conjunto de reflexões oriundas de resultados de pesquisas, nem todas realizadas nas regiões Norte e Nordeste, mas todas portadoras de um olhar bem peculiar, um olhar eminentemente marcado pelos modos críticos e reflexivos de produção de saberes desde as margens do conhecimento científico hegemônico.

O primeiro capítulo, de minha autoria, intitulado “Corpo, Sexo e Gênero: Alternativas Heterotópicas Transmodernas para um Mundo Melhor”, propõe uma reflexão (um tanto quanto teórica) acerca das relações entre a diversidade sexual e de gênero e os Estados nacionais no âmbito do sistema-mundo moderno com o intuito de denunciar o caráter culturalmente arbitrário das naturalizações e essencializações heteronormativas produzidas pelas discursividades médico-científicas e jurídico-morais e amalgamadas pelas moralidades religiosas (sobretudo judaico-cristãs e islâmicas) que enquadram, a nível global, a diversidade sexual e de gênero. O texto sugere que sejam reavivadas utopias capazes de trilhar o caminho para um futuro melhor, por meio de alternativas aqui chamadas de heterotópicas.

Os capítulos 2, 3 e 4 tratam de questões relativas às sociabilidades, os dois primeiros nos contextos urbanos de Teresina, no Piauí, e Belém, no Pará, respectivamente, e o terceiro, num contexto interiorano paraense. Em “Vinte Anos Depois: Contextos, Espaços e Sentidos”, a doutoranda no programa de pós-graduação interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), Pâmela Laurentina Sampaio Reis, retoma algumas discussões iniciadas em sua dissertação de mestrado em Antropologia, defendida na Universidade Federal do Piauí, para tratar dos espaços de sociabilidades deplélicas, as territorialidades e o consumo em Teresina. Já o doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, José Carlos Almeida da Rosa, em “Habitus,

Performances e Construção de Afetos na Noite Gay em Belém do Pará”, trata também de espaços de sociabilidades, territorialidades e consumo, mas entre homens gays de Belém, com certa ênfase na cultura material. A relação entre a cultura material, a paisagem e a sensorialidade será discutida por Igor Erick, também doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, em “O Chapéu do Boto-Homem: de Como a Indumentária nos Ajuda a Entender a Diversidade Sexual e de Gênero a partir das Relações entre Humanos, Encantados e Coisas na Amazônia”, dando particular atenção à maneira como o mito amazônico do boto é atualizado nas experiências da diversidade sexual e de gênero na pequena vila de Alter do Chão, no interior do Pará.

Os capítulos 5 e 8 tratam de análises de discursos jornalísticos. Em “O discurso jornalístico e o sujeito transexual: o percurso de Sarita da Sete na mídia portovelhense”, Edson Rodrigues Cavalcante, mestrando em comunicação pela Universidade Federal do Piauí, Nilsângela Cardoso Lima, doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e professora da Universidade Federal do Piauí, Juliana Fernandes Teixeira, doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia e professora da Universidade Federal do Piauí, e Monalisa Pontes Xavier, doutora em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e professora da Universidade Federal do Piauí, analisam o tratamento preconceituoso dado pela mídia local à morte da célebre e popular trans Sarita da Sete, em Porto Velho, Rondônia. Por sua vez, em “‘O Pai do Meu Filho Sou Eu’: Análise dos Discursos sobre a Paternidade de Thammy Miranda no Portal de Notícias do Jornal do Commercio”, Geovane Pereira, mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí, analisa, com bastante rigor metodológico, a cobertura também preconceituosa do portal de notícias do tradicional diário pernambucano Jornal do Commercio sobre a paternidade do transhomem, ator, empresário e influencer Thammy Miranda, e as polêmicas envolvendo sua paternidade nas redes sociais.

Os capítulos 6 e 7, com abordagens mais sociológicas, tratam da violência de gênero. Em “O Aprofundamento da Vulnerabilidade Social de Mulheres e Pessoas LGBTQ+ em Decorrência da Pandemia de Covid-19”, a mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí, Jullyane Alves Teixeira, e as mestradas em Sociologia pela mesma Universidade, Mariana Cavalcante Moura e Thátilla Thaira Ferreira da Silva Porto, apresentam um excelente estado da arte das pesquisas realizadas sobre os impactos da pandemia de Covid-19 nas relações de gênero no Brasil, alertando para o incremento da violência de gênero contra mulheres e contra pessoas gays, lésbicas, bissexuais e transexuais/transgêneras. Rossana Maria Marinho

Albuquerque, doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos e professora da Universidade Federal do Piauí, e João Marcelo Brasileiro de Aguiar, mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí, em “Feminicídios e Interseções: Refletindo sobre o Contexto do Piauí”, por sua vez, tratam mais especificamente da violência contra as mulheres no Piauí a partir de uma perspectiva feminista interseccional.

O capítulo 9, de autoria de Felipe Carlos Damasceno e Silva, mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, e Kamilla Sastre da Costa, doutoranda em Sociologia e Antropologia pela mesma Universidade, intitulado “Corpos Insurgentes: Pessoas com Deficiência no Contra-Ataque pelo Direito de Torcer no Futebol Brasileiro”, chama atenção, de forma bem original, contra o capacitismo e a exclusão de pessoas com deficiência no universo futebolístico.

Enfim, os dois últimos capítulos, na interface da Antropologia e das Artes (e da História, no caso do capítulo 10), discorrem, em contextos distintos, sobre a invisibilização no passado (capítulo 10) e os dispositivos atuais de resistência (capítulo 11) das mulheres no mundo das artes. Em “Julieta de França: Pioneira e Esquecida Escultora Paraense (1872-1951)”, Isadora Bastos de Moraes, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará e técnica-administrativa da Universidade Federal Rural do Pará, apresenta interessantes excertos da história de vida de uma escultora paraense, Julieta de França, que desafiou os padrões hegemônicos de gênero na primeira metade do século XX. Por sua vez, Maria Cristina Simões Viviani, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, no último capítulo, “Diversidades de Corpos, Sexualidades e Gêneros nas Artes Visuais Contemporâneas”, aborda a obra de quatro artistas – duas brasileiras e duas peruanas – que, na contemporaneidade, questionam a fixidez da binariedade de gênero, das regulamentações e das normas corporais sobre o masculino e o feminino.

Assim, Corpo, Sexo, Gênero: Estudos em Perspectiva tem o propósito de visibilizar as reflexões originais, criativas, atuais, críticas e engajadas produzidas por pesquisadoras/es que atuam nas regiões Norte e Nordeste. Que a leitura desses textos nos ajude a pensar, coletivamente, num mundo melhor e mais feliz, comum a todas/os/es.

**Fabiano Gontijo**

Doutor em Antropologia, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Professor Titular, Universidade Federal do Pará, Bolsista de Produtividade, Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico

# AUTORES



## **EDSON RODRIGUES CAVALCANTE**

Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (PPGCOM - UFPI). Bolsista CAPES. Possui graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e Pós em Docência do Ensino Superior, na Universidade Castelo Branco (UCB).

## **FABIANO GONTIJO**

Graduado em Sociologia com destaque em Antropologia (1995) pela Université de Provence, na França, realizou mestrado interdisciplinar em Sociologia, História e Antropologia (1996) e doutorado em Antropologia Social (2000), ambos na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, também na França. Atualmente, é Professor Titular de Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desenvolve pesquisas sobre as expressões da diversidade sexual e de gênero, particularmente sobre os dispositivos, símbolos, saberes, práticas e poderes que naturalizam arbitrariamente o binarismo de gênero e a heteronormatividade e, por consequência, ocultam e silenciam a diversidade sexual e de gênero em contextos diferentes nacionais.

## **FELIPE CARLOS DAMASCENO E SILVA**

Mestrando em Antropologia Social (PPGA/UFPA); graduado em Ciências Sociais (UFPA); membro do Grupo de Estudos Culturais da Amazônia - GECA/UFPA; membro do grupo de pesquisa Setor Norte - Futebol e Ciência.

## **GEOVANE PEREIRA**

Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição (2021). Linha de pesquisa: Mídia e Processos de Subjetivação. Membro do Núcleo Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação (Nepec/UFPI) e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Identidades e Subjetividades da Universidade Federal do Delta do Parnaíba e da UFPI (Nepcis/UFDPAr/UFPI).

## **IGOR ERICK**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará - bolsista CAPES. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (2020) e Graduação em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2018). Atua como colaborador em dois grupos de pesquisa: Sexualidade, Corpo e Gênero, liderado por Fabiano de Souza Gontijo e Cosmopolíticas indígenas: ação política, xamanismo e parentesco no Oeste da Amazônia, liderado por Beatriz de Almeida Matos.

## **ISADORA BASTOS DE MORAES**

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Servidora Pública da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

## **JOÃO MARCELO BRASILEIRO DE AGUIAR**

Mestrando em Sociologia (UFPI), atuando principalmente na temática de violência de gênero, é integrante do Grupo de Pesquisa de Gênero e Desenvolvimento - ENGENDRE/UFPI. Possui graduação em Bacharelado em Direito e Especialização em Estatística, ambas pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é delegado de polícia civil - Secretaria de Segurança Pública do Piauí.

## **JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA ROSA**

Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará. Mestre em Antropologia Social pelo PPGA-UFPA. Pós-Graduado em Assessoria de Comunicação pela Faculdade Estácio de Belém (Estácio Belém). Graduado em

Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio do Pará (Estácio FAP). Integrante dos Grupos de Pesquisa: Homens, Gênero e Saúde na Amazônia, coordenado pelo Prof. Dr. Eric Campos Alvarenga; e o Comunicação, Consumo e Identidade (Consia), coordenado pela Profa. Dra. Manuela do Corral Vieira. Atuo como redator e revisor do Periódico Caderno 4 Campos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA. Tem como temas de interesse e pesquisa sobre: Gênero e Sexualidade; Masculinidades; Estudos de Cultura Material; Comunicação e Consumo na Amazônia.

## **JULIANA FERNANDES TEIXEIRA**

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil) e em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (Covilhã/Portugal), por meio do regime de co-tutela entre as duas instituições. Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É líder do grupo de pesquisa Jornalismo, Inovação e Igualdade (JOII - [www.joiuufpi.com.br](http://www.joiuufpi.com.br)) e integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Economia Política e Diversidade (COMUM-UFPI). Integra, como pesquisadora colaboradora externa, o Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL-UFBA) e o Grupo de Pesquisa Mídia, Jornalismo Audiovisual e Educação (MJAE-UFRJ).

## **JULLYANE ALVES TEIXEIRA**

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (2021), atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, sexualidades e feminismos, é integrante do Núcleo de Estudos em Gênero e Desenvolvimento – ENGENDRE/UFPI e do Núcleo de Estudos sobre Gênero, Raça, Classe e Trabalho – NEGRACT/UFDPAr. Graduada em Administração pela Faculdade Piauiense (2010) e graduada em Secretariado Executivo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (2006). Trabalhadora técnico-administrativa da Universidade Federal do Piauí, no cargo de secretária executiva, desde 2006.

## **KAMILLA SASTRE DA COSTA**

Doutoranda em Antropologia Social (PPGSA / UFPA). Mestra em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA-UFPA. Bacharelada e Licenciada no curso de Ciências Sociais na

Universidade Federal do Pará. Tem especialização na área de Elaboração, Acompanhamento e Avaliação de Projetos Sociais, pela Universidade da Amazônia. Faz parte da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia (RPPDA) e do Grupo de Estudos Culturais na Amazônia (GECA).

### **MARIANA CAVALCANTE MOURA**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí; Especialista em Direitos Humanos, Cidadania e Segurança Pública pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Graduada em Direito pela Faculdade de Ciências Humanas e Jurídicas de Teresina – FCHJT do Centro de Ensino Unificado de Teresina – CEUT; Consultora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, atuando como Coordenadora no estado do Piauí do Programa Fazendo Justiça, parceria do PNUD com o Conselho Nacional de Justiça – CNJ).

### **MARIA CRISTINA SIMÕES VIVIANI**

Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciada e Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua na área da Antropologia Social e foca sua pesquisa em corpo e gênero nas artes visuais contemporâneas.

### **MONALISA PONTES XAVIER**

Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2014). Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Ceará (2009), mesma instituição pela qual é graduada em Psicologia (2005). Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal do Piauí e do Programa de Pós-graduação em Comunicação/UFPI. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Identidades e Subjetividades (NEPCIS) e da Liga Acadêmica de Saúde Mental Piauiense (LASMENPI).

### **NILSÂNGELA CARDOSO LIMA**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014), Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2007), Especialização em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2005) e Graduação em Licenciatura Plena

em História pela Universidade Federal do Piauí (2002). Atualmente é professora Adjunto II do Curso de Comunicação Social-Habilitação Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, Campus Petrônio Portella. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPI. Membro do Colegiado do PPGCOM da Universidade Federal do Piauí e Membro do Colegiado e do NDE de Cursos/UFPI.

### **PÂMELA LAURENTINA SAMPAIO REIS**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pesquisadora associada ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (UFSC).

### **ROSSANA MARIA MARINHO ALBUQUERQUE**

Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAr). Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Ufal. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. Professora de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

### **THÁTILA THAIRA FERREIRA DA SILVA PORTO**

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí. Possui graduação em Ciências Sociais, também pela Universidade Federal do Piauí (2009). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, Gênero Rural e Desenvolvimento Territorial, atuando principalmente nos seguintes temas: sociedade, ciências sociais, mulher, trabalho, território. Socióloga, tendo atuado como assessora Territorial de Gênero, atuou como pesquisadora do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Desenvolvimento Territorial (NEDET) no Território Carnaubais, trabalhando com grupos produtivos de mulheres, inserindo-as nas políticas públicas e ajudando a promover entre elas o processo de empoderamento feminino.





ISBN: 978-65-996314-2-9

CD



9 786599 631429